

QUINE E DAVIDSON SOBRE ESTÍMULOS DISTAIS E PROXIMAIS¹

QUINE AND DAVIDSON ON DISTAL AND PROXIMAL STIMULI

Karen Giovana Videla da Cunha Naidon

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Brasil

karengvidela@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo proceder a uma breve reconstrução de um debate entre Quine e Davidson a respeito de onde deve ser situado, na cadeia causal mundo-falante, o elemento que fornece o conteúdo empírico de sentenças de observação. De acordo com Quine, que sustenta o que se pode chamar de “Concepção Proximal”, tal elemento estaria localizado na superfície sensorial do falante, ou seja, em posição próxima a este em referida cadeia causal – estímulo proximal –; Davidson, por outro lado, critica a Concepção Proximal, alegando que a mesma conduziria, em última instância, ao ceticismo e à relativização da verdade, e sugere a Quine seu abandono em prol da Concepção Distal, por ele próprio sustentada, conforme a qual tal estímulo estaria situado nos próprios objetos e eventos sobre os quais falam as sentenças, isto é, em posição mais distante do falante – estímulo distal. A despeito da sugestão de Davidson, Quine insiste até o final de sua obra em não adotar oficialmente a Concepção Distal, introduzindo, contudo, algumas modificações em sua Concepção Proximal a fim de escapar às críticas procedidas por aquele autor. A partir da análise dos termos do debate, chega-se à conclusão de que, diante das críticas de Davidson, há que se reconhecer que a Concepção Proximal, pelo menos em sua formulação inicial, enfrenta dificuldades consideráveis. Não obstante, a sugestão feita por Davidson a Quine não pode ser considerada uma solução satisfatória para este autor, dados os propósitos filosóficos que possui.

Palavras-chave: Quine. Davidson. Estímulo proximal. Estímulo distal. Sentenças de observação.

Abstract: *This paper aims to undertake a brief recollection of a debate between Quine and Davidson on where the element providing the empirical content of observation sentences should be placed in the causal chain world-speaker. According to Quine, who holds what may be called "Proximal Conception," such an element might be placed on the sensory surface of the speaker, i.e. near to this element in that causal chain – proximal stimulus; Davidson, on the other hand, criticizes Proximal Conception arguing that it would lead, in the last instance, to skepticism and a relativization of truth; he suggests Quine abandon it and adopt Distal Conception, which he advocates, a position that holds this stimulus might be placed on the objects and events by themselves about which the sentences speak, i.e. in a position farther away from the speaker – distal stimulus. Despite Davidson's suggestion, Quine refuses till the end to officially adopt Distal Conception, although he makes some modifications in his Proximal Conception to avoid the criticism predicted by that author. From the analysis of the terms of this debate one may conclude that, considering Davidson's criticism, we must recognize that Proximal Conception, at least in its initial formulation, experiences considerable difficulties. Nevertheless, the suggestion made by Davidson to Quine should not be considered a satisfactory solution to the latter, given his own philosophical commitments.*

Keywords: *Quine. Davidson. Proximal stimulus. Distal stimulus. Observation sentences.*

* * *

Introdução

Há aproximados trinta anos, iniciou-se um debate entre os filósofos W. V. O. Quine e D. Davidson a respeito de onde deve ser situado, na cadeia causal mundo-falante, o elemento que fornece o conteúdo empírico de sentenças de observação – doravante, chamar-se-á tal

¹ A pesquisa na qual está inserido o presente trabalho conta com o apoio financeiro do CNPq.

elemento de “estímulo”². De acordo com Quine, que sustenta o que se pode chamar de “Concepção Proximal”, tal estímulo estaria localizado na superfície sensorial do falante, ou seja, em posição próxima a este em referida cadeia causal – estímulo proximal –; Davidson, por outro lado, critica a Concepção Proximal, alegando que a mesma conduziria, em última instância, ao ceticismo e à relativização da verdade, e sugere a Quine seu abandono em prol da Concepção Distal, por ele próprio sustentada, conforme a qual tal estímulo estaria situado nos próprios objetos e eventos sobre os quais falam as sentenças, isto é, em posição mais distante do falante – trata-se de um estímulo distal. A despeito da sugestão de Davidson, Quine insiste até o final de sua obra em não adotar oficialmente a Concepção Distal³, introduzindo, contudo, algumas modificações em sua Concepção Proximal a fim de escapar às críticas procedidas por aquele autor.

Tendo em vista essa divergência entre os dois autores, o presente trabalho tem como objetivo, justamente, proceder a uma breve reconstrução do debate em questão. Para tanto, dividir-se-á o trabalho em quatro partes. Na primeira delas, tentar-se-á situar o contexto em que está inserido, na filosofia de Quine, o seu ponto de divergência com Davidson, indicando-se, com isso, a própria natureza que ele possui. Na segunda parte, será feita uma exposição da Concepção Proximal alvo das críticas de Davidson. Na terceira parte, serão apresentadas as razões apontadas por Davidson para o abandono da Concepção Proximal. Na quarta parte, por fim, será apresentada a reação de Quine frente às críticas de Davidson.

1. Contextualização da divergência

A fim de indicar o contexto no qual está inserido, na filosofia de Quine, o seu ponto de divergência com Davidson, há que se ter presente, em primeiro momento, que uma preocupação central daquele autor consiste em fornecer uma explicação de como os seres humanos, enquanto sujeitos cognoscentes, adquirem sua teoria sobre o mundo a partir da evidência empírica. Um sujeito cognoscente, pode-se dizer, está exposto a várias formas de estímulo⁴ que parecem ser causados por algo que está ao seu redor, algo que, juntamente com ele, parece fazer parte do mundo. Com base em tais estímulos, o sujeito elabora conceitualizações sobre o que constitui o mundo, as quais, por sua vez, são formuladas na linguagem. O esquema conceitual daí resultante, que está consubstanciado em um conjunto de sentenças ligadas umas com as outras formando uma espécie de rede, pode ser considerado como a teoria que esse sujeito possui sobre o mundo.

Dentre as sentenças que compõem tal teoria, algumas possuem, grosseiramente falando, uma maior vinculação com os estímulos que o sujeito recebe no momento de seu

² A expressão “estímulo” será utilizada para fazer referência ao elemento da cadeia causal mundo-falante que fornece o conteúdo empírico de sentenças de observação, mas sem especificar qual elemento é, ou seja, onde está situado nessa cadeia. Tal procedimento é adotado pela literatura sobre o tema, que costuma, inclusive, falar de estímulo proximal e estímulo distal para especificar a qual estímulo se refere.

³ Há quem sustente que Quine não teria sempre sustentado uma Concepção Proximal. Em Davidson (1990) e (2003), é mantido que Quine teria oscilado em seus escritos entre a Concepção Proximal e a Distal. Føllesdal, em semelhante sentido, sustenta que Quine teria passado a sustentar a Concepção Distal em vez da Proximal a partir de determinado momento de sua obra. Porém, Quine jamais endossa explícita e oficialmente a Concepção Distal. Com efeito, ao comentar o artigo *Meaning, Truth and Evidence*, no qual Davidson procede a sua principal crítica à Concepção Proximal, Quine parece deixar claro que não pretende adotar a concepção sugerida por Davidson. De qualquer modo, como bem coloca Folke Tersman (1996), “a significância da crítica de Davidson vai além desta questão exegética” e, portanto, não exclui a discussão que foi travada entre os dois autores sobre qual das concepções, distal ou proximal, seria a mais satisfatória.

⁴ Note-se que, como dito anteriormente, Quine sustenta a Concepção Proximal e, desse modo, considera que o estímulo é proximal.

proferimento – estando mais próximas da periferia da rede –; enquanto outras estão a eles vinculadas em virtude de suas ligações com outras sentenças e, portanto, estão apenas indiretamente vinculadas a referidos estímulos – estas sentenças estariam mais distantes da periferia da rede. A rigor, não se poderia dizer propriamente que se trata de duas *espécies* diferentes de sentenças, uma vez que não há uma linha divisória que possa ser precisamente traçada entre elas. O que há, em verdade, é uma diferença de graus de vinculação com os estímulos, ao que Quine chama de “graus de observacionalidade”⁵.

Não obstante, poder-se-ia falar de um caso limite de alta vinculação com os estímulos presentes, caso este das sentenças que Quine chama de “sentenças de observação”. Tais sentenças possuiriam uma vinculação direta com os estímulos presentes no momento de seu proferimento, o que significa que o falante poderia estar justificado em asserti-la apenas em virtude deles. Ademais, na medida em que, para Quine, “o significado de uma sentença gira puramente em torno do que contaria como evidência para a sua verdade” (QUINE, 1969, p. 69), também seu significado seria desse mesmo modo determinado.

As demais sentenças, por outro lado, não dependeriam unicamente do estímulo presente, mas também de suas ligações com outras sentenças: seu significado seria dependente, em última instância, do significado das sentenças de observação por elas implicadas quando conjugadas com outras sentenças. Assim sendo, pode-se perceber que não seria cabível perguntar pelo significado dessas sentenças quando tomadas isoladamente, isto é, fora do contexto mais amplo da teoria à qual pertencem – ou, pelo menos, de parte significativa dela.⁶

Desse modo, tendo em vista sua vinculação direta com os estímulos presentes, as sentenças de observação ocupam um lugar privilegiado dentro da filosofia quineana: elas cumprem o papel de fornecer à teoria seu conteúdo empírico, o que as torna centrais na explicação de como os seres humanos adquirem sua teoria sobre o mundo, uma vez que tal aquisição dar-se-ia, para Quine, a partir de evidência empírica, isto é, dos estímulos recebidos pelo sujeito.

Diante do *status* especial das sentenças de observação na filosofia de Quine, é da maior relevância indicar o que determina o seu conteúdo empírico. Ao fazer isso, estar-se-á tomando, por um lado, uma decisão em Semântica, na medida em que o conteúdo empírico pode ser considerado, nesse contexto, como o próprio significado⁷ das sentenças em questão. Por outro lado, estar-se-á também assumindo um posicionamento em Epistemologia, uma vez que se indica o que contará como evidência para a verdade de tais sentenças.

Até o momento, foi dito a esse respeito que os estímulos presentes determinariam o significado de sentenças de observação, bem como contariam como evidência para sua

⁵ A formulação recém aduzida pretende apenas servir para dar uma noção introdutória ao leitor. A rigor, Quine fornece, ao longo de sua obra, vários critérios para determinar o grau de observacionalidade de sentenças e, assim, várias definições de sentença de observação. Por motivo de brevidade, tais critérios não serão aqui elencados. Tal procedimento, com efeito, não trará prejuízos à presente exposição.

⁶ Quine sustenta uma posição holista com relação à linguagem. Segundo tal posição, palavras não teriam significado independente, isto é, sem que este seja derivado do significado das sentenças nas quais ocorrem. Quanto às sentenças, somente teriam significado quando tomadas isoladamente sentenças de observação. As demais sentenças só possuiriam significado quando tomadas no contexto mais amplo da teoria que integram ou de parte significativa dela.

⁷ Por significado entenda-se significado cognitivo e não significado linguístico. A fim de elucidar essa diferença, considere-se a sentença “João rega as plantas” e a sentença “As plantas são regadas por João”. Ambas possuem significados linguísticos distintos, uma vez que há algumas diferenças gramaticais entre elas, tais como a diferença de sujeito gramatical, bem como da voz do verbo. Contudo, do ponto de vista do significado cognitivo, elas não diferem, na medida em que transmitem a mesma informação.

verdade. Contudo, tal afirmação é demasiadamente imprecisa e, ademais, por ter sido feita no contexto da filosofia de Quine, acaba por inclinar-se para o estímulo proximal, que é a posição sustentada por esse autor. Poder-se-ia, ainda, pôr em questão a correção da posição de Quine, como Davidson de fato faz, e perguntar: “Em que devem consistir tais estímulos?” ou, numa formulação mais precisa, “Onde eles devem ser situados na cadeia causal mundo-falante?”. Precisamente neste ponto pode ser inserida a divergência entre Quine e Davidson, tendo em vista que os autores discordam, justamente, quanto à resposta mais adequada a essa questão.

Conforme anteriormente mencionado, a resposta de Quine a essa pergunta é a de que o estímulo em questão seria um tipo de evento físico que ocorre na superfície sensorial do corpo do falante, o qual consistiria em disparar⁸, estimular alguns de seus receptores sensoriais, evento este chamado pelo autor de “estimulação”. A resposta fornecida por Davidson, por outro lado, é a de que seriam os próprios objetos e eventos no mundo sobre os quais falam as sentenças que determinariam seu conteúdo empírico.

Realizada essa contextualização e indicada a natureza semântica e epistemológica da divergência sob exame, cumpre então compreender precisamente em que consiste a Concepção Proximal criticada por Davidson.

2. Concepção Proximal criticada por Davidson

O núcleo da Concepção Proximal consiste em situar aquilo que determina o significado das sentenças de observação, bem como o que serve de evidência para sua verdade, na porção proximal da cadeia causal mundo-falante, isto é, na estimulação dos receptores sensoriais do falante. Esse núcleo, porém, está inserido em um arcabouço teórico mais amplo a respeito do significado de sentenças e até mesmo da própria linguagem como um todo.

Para compreender-se a concepção de Quine sobre a linguagem, há que se ressaltar, primeiramente, que o autor adota uma postura metodológica naturalista. De acordo com tal postura, a filosofia e, portanto, a própria semântica, deveriam adotar os métodos de investigação intersubjetivos utilizados pelas ciências naturais.

Posicionando-se dessa maneira, ele acaba por contrapor-se ao que chama de “concepções mentalistas da linguagem”, uma vez que a maneira como estas concebem o significado inviabilizaria a utilização de referidos métodos. Para o autor, seria incorreto proceder como ditas concepções e vincular às expressões lingüísticas alguma entidade como seu significado, tenham tais entidades natureza mental (como idéias na mente de um falante), platônica (como sentidos de expressões lingüísticas em um terceiro reino, como para Frege) ou mesmo física, material (como os próprios objetos aos quais as expressões se referem, como para as teorias referenciais do significado). Postular tal associação seria construir a linguagem como um “museu mental”, no qual o sujeito vincula mentalmente palavras a significados, sendo aquelas as etiquetas e estes, as peças expostas. (QUINE, 1969, p.139). Entendendo-se a linguagem sob esse viés mentalista, ter-se-ia de recorrer ao procedimento introspectivo a fim de saber qual significado o falante vincula às expressões lingüísticas que usa, o qual é epistemicamente privado e, portanto, rejeitado por Quine, uma vez que os métodos que são utilizados pelas ciências naturais são intersubjetivos.

A fim de atender à demanda naturalista, Quine, então, procede a uma externalização do significado, construindo, para tanto, sua concepção behaviorista da linguagem. Para ele, a

⁸ A expressão utilizada por Quine é “triggering”, que é também às vezes traduzida por “desencadear”.

linguagem seria uma “arte social” (QUINE, 1960, p. ix), isto é, um tipo de atividade praticada por um grupo de indivíduos que pertencem a uma comunidade (GIBSON, 1982, p. 31). Segundo Quine, “adquirimos [a linguagem], tendo como única evidência o comportamento aberto de outras pessoas em circunstâncias publicamente reconhecíveis” (QUINE, 1969, p. 139), ou seja, essa arte é algo que é aprendido pelo sujeito, aprendido este explicado pelo autor em termos behavioristas. Mas a concepção behaviorista da linguagem de Quine não se restringe a seu aprendizado; ele também tenta explicar a própria noção de significado nesses mesmos termos. Para ele, “não há significado algum, nem identidade nem distinção de significado, além dos que estão implícitos nas disposições da pessoa para o comportamento aberto” (QUINE, 1969, p. 140). Entendido assim, o significado passa a ser, na concepção quineana, uma propriedade do comportamento, na medida em que depende das disposições do sujeito para o comportamento verbal e que qualquer distinção de significado baseada em outros fatores que não em tais disposições constituiria, em verdade, uma distinção ilusória.⁹

Desse modo é que Quine satisfaz a exigência do naturalismo que adota, tendo em vista que, em sua concepção, o estudo acerca dos significados das sentenças que determinado indivíduo utiliza deverá adotar, como método, a observação de seu comportamento na situação de fala, de forma a extrair as suas disposições para o comportamento verbal.

Neste momento, faz-se necessário introduzir uma das noções behavioristas mais centrais elaboradas por Quine, a saber, o conceito de *stimulus meaning*, o qual resumiria, justamente, as disposições de um sujeito para o comportamento verbal frente a uma dada sentença. O *stimulus meaning* que uma sentença possui para um sujeito em determinado momento consistiria num par ordenado composto do *stimulus meaning* positivo, isto é, o conjunto das estimulações que provocariam o assentimento do sujeito quando a esta a sentença for formulada como uma pergunta, e do *stimulus meaning* negativo, ou seja, o conjunto das estimulações que, nessas mesmas condições, provocariam o dissentimento (QUINE, 1960, pp. 32-33).

A título de exemplo, imagine-se que determinado sujeito esteja diante de um coelho. Imagine-se também que, nessa situação estimulativa, seja a ele perguntado “Coelho?”, apontando-se para o animal, e que o sujeito faz um sinal de assentimento. Acrescente-se, ainda, que, ao trocar-se o coelho por um cachorro, o sujeito passaria a dissentir à mesma pergunta. Nesse caso, poder-se-ia dizer que, para esse sujeito, a estimulação causada na presença do coelho pertence ao *stimulus meaning* positivo de “Coelho” e que a estimulação causada pela presença apenas do cachorro integra o *stimulus meaning* negativo dessa sentença.

Um ponto central para a caracterização da concepção de Quine como proximal diz respeito ao modo como ele concebe a noção de estimulação envolvida no conceito de *stimulus meaning*. Cada estimulação, nesse contexto, deve ser entendida como um modelo, um tipo (e não uma ocorrência particular) de evento físico, que ocorre na superfície sensorial do falante, o qual consiste em disparar, estimular alguns de seus receptores sensoriais. A estimulação, portanto, não consiste em algo que ocorre na mente do falante (algo que já envolveria sua consciência) e tampouco nos próprios objetos e eventos externos que causam a estimulação (ou seja, o estímulo distal). A estimulação, então, seria aquilo que se situa na porção proximal

⁹ Para a concepção mentalista, poderiam existir algumas distinções de significado que não se refletem nas disposições de um sujeito para o comportamento verbal, mas que estão estabelecidas em seu “museu mental”. Para Quine, porém, tais distinções seriam ilusórias; só haveria distinções de significado quando existissem diferenças em referidas disposições.

da cadeia causal mundo-falante e que fornece, de acordo com Quine, o conteúdo empírico das sentenças de observação.¹⁰

3. Razões apontadas por Davidson para Quine abandonar a Concepção Proximal e adotar a Concepção Distal

De acordo com Davidson, a adoção da Concepção Distal seria necessária, basicamente, para viabilizar a explicação da natureza pública da linguagem, a qual restaria incompreendida a partir da Concepção Proximal.

Quine concebe a linguagem como uma arte social, algo cuja natureza é pública. Os indivíduos utilizam a linguagem para comunicarem-se uns com os outros e, para tanto, é necessário que uma dada sentença tenha o mesmo significado para diferentes falantes. Ter o mesmo significado para diferentes falantes, para Quine, significa que eles estarão dispostos a se comportarem da mesma maneira frente a tal sentença.

No âmbito da Concepção Proximal, isso significaria que as estimulações que provocariam o assentimento de um indivíduo devem ser as mesmas que provocariam o assentimento de outro indivíduo (o mesmo valendo para o dissentimento), ou seja, a sentença deve ter o mesmo *stimulus meaning* para diferentes falantes. Porém, a fim de proceder tal comparação, faz-se necessário pressupor que diferentes falantes possuem redes neuronais receptoras ao menos homólogas. No entanto, não parece haver razão para supor tal homologia, como o próprio Quine reconhece¹¹.

De acordo com Davidson, adotando-se a Concepção Distal, restaria garantida a intersubjetividade das sentenças de observação, bem como resolvido o problema da homologia dos receptores. Para saber se duas pessoas têm as mesmas disposições para o comportamento verbal frente a uma dada sentença, bastaria comparar quais estímulos distais provocariam assentimento e quais provocariam dissentimento, não sendo necessário comparar as suas estimulações e, desse modo, pressupor a homologia das redes neuronais receptoras de

¹⁰ Poder-se-ia indagar, neste momento, pelo significado das sentenças que não são de observação. Como dito acima, o significado de tais sentenças não dependeria apenas das estimulações presentes no momento de seu proferimento. Desse modo, o *stimulus meaning*, que elenca as estimulações em cuja presença seriam provocados o assentimento e o dissentimento do falante frente à sentença, não seria um bom candidato a seu significado. Isso porque, para saber as disposições do falante para o comportamento verbal frente a sentenças desse tipo, ter-se-ia de considerar mais fatores do que meramente as estimulações presentes. Considere-se o exemplo da sentença “Solteiro” perguntada a um sujeito que está diante de um homem solteiro. Seu assentimento não depende apenas da estimulação que está tendo no momento; depende também de informações prévias sobre o que é um solteiro, por exemplo, que se trata de um homem que não se casou. Em verdade, o significado dessas sentenças depende demasiadamente de suas ligações com outras sentenças (que integram o esquema conceitual do sujeito, a sua teoria sobre o mundo). Por isso, Quine não considera que tais sentenças tenham significado isoladamente, isto é, desconsiderando suas ligações com outras sentenças, conforme mencionado. Em última instância, o significado de tais sentenças adviria de suas conexões com sentenças de observação, como também foi dito anteriormente. Por essa razão é que, no presente trabalho, diz-se que a Concepção Proximal constitui uma resposta a uma pergunta a respeito do conteúdo empírico de sentenças de observação, e não de sentenças em geral.

¹¹ Em *Propositional Objects* (1965), Quine afirma: “Se construirmos padrões de estimulações do meu modo, não poderemos equacioná-los sem supor uma homologia dos receptores; e isso é absurdo, não apenas porque uma homologia completa é impossível, mas também porque ela não deveria ser importante.” Esse problema, conhecido como o problema da homologia dos receptores sensoriais, foi justamente o que ensejou a série de ajustes na concepção de Quine de sentença de observação e, mais especificamente, em seu critério para medir o grau de observacionalidade de uma sentença. Apesar dessas modificações, Quine não alterou a natureza proximal de sua concepção oficial, dado que continuou situando na porção proximal aquilo que fornece o conteúdo empírico de sentenças de observação. Por motivo de brevidade, referidas modificações não serão aqui abordadas, o que será feito, oportunamente, na dissertação que resultar deste estudo que está sendo proposto.

cada falante. Dita comparação seria possível pelo fato de estímulos distais serem epistemicamente públicos, isto é, acessíveis a diferentes sujeitos.

Contudo, existe ainda outra razão apontada por Davidson para abandonar a Concepção Proximal, razão esta também relacionada à publicidade da linguagem. Em seu artigo *Meaning, Truth and Evidence*, o autor sustenta que essa teoria implicaria ceticismo e relativização da verdade. Com o fito de provar tal alegação, Davidson propõe o seguinte experimento de pensamento:

[...] imaginemos alguém que, quando um porco passa, tem precisamente os modelos de estimulação que eu tenho quando há um coelho em vista. Suponhamos que a sentença de uma palavra que o porco o inspira a assentir seja “Gavagai”. Indo por *stimulus meaning*, eu traduzo sua “Gavagai” pela minha “Olha, um coelho” embora eu veja apenas um porco e nenhum coelho quando ele diz e crê que (de acordo com a Teoria Proximal) que há um coelho. (DAVIDSON, 1990, p. 74).

Pode-se dizer que a tradução de uma sentença por outra é procedida quando se considera que ambas possuem iguais significados – ou muitos próximos, quando se substitui a noção tradicional de significado pela de *stimulus meaning*, a qual torna muito improvável, senão impossível, dita igualdade. De acordo com isso, a tradução aludida acima estaria correta para a Concepção Proximal, dado que ambas as sentenças possuem *stimulus meaning* aproximados. A despeito dessa correção, surge o problema de, com essa tradução, estar-se atribuindo, conforme Davidson, uma crença falsa ao sujeito, a saber, a crença de que o sujeito está diante de um coelho, enquanto, na verdade, está diante de um porco.

Diante dessa hipótese, a Concepção Proximal acabaria por conduzir ao ceticismo, na medida em que, no seu bojo, restaria aberta a possibilidade de serem falsas, em sua maioria, as crenças de tal sujeito, possibilidade esta que pode ser estendida, por sua vez, a nossas próprias crenças.

Davidson considera, ainda, uma possível reação de um defensor da Concepção Proximal, segundo a qual a crença do sujeito de que ele está diante de um coelho poderia ser considerada verdadeira pelo fato de que tal sujeito estaria tendo, de fato, a estimulação de um coelho. Contudo, isso seria inaceitável para Davidson, uma vez que implicaria restringir a verdade das sentenças a cada indivíduo, o que ele chama de “relativização da verdade”.

Diante dessas dificuldades, Davidson entende que a Concepção Proximal deveria ser abandonada em prol de outra concepção que escape a tais problemas. A substituta adequada seria, para esse autor, a própria Concepção Distal, por ele sustentada. No experimento mental acima aduzido, a tradução correta para a sentença “Gavagai” daquele sujeito seria, não “Olha, um coelho”, mas sim “Olha, um porco”, já que o sujeito está diante de um porco e que são os próprios objetos no mundo que determinam o significado da sentença.

4. Reação de Quine frente às críticas de Davidson

Em reação às críticas de Davidson, Quine, em vez de adotar a Concepção Distal sugerida por aquele autor, preferiu introduzir algumas modificações em sua própria concepção a fim de escapar aos problemas nela detectados. Com esse objetivo, Quine passou a recorrer a elementos relativos ao processo de comunicação: adotou como ponto de partida o fato de que a linguagem é pública, de que os indivíduos concordam em seu uso das sentenças e passou a tentar explicar a que se deve tal acordo.

Quine tenta explicar a intersubjetividade de uma sentença alegando haver uma harmonia preestabelecida dos padrões subjetivos de similaridade perceptual, a qual seria produto da seleção natural. Seres de uma mesma espécie tenderiam a reagir de maneiras semelhantes diante de estímulos semelhantes, mesmo que a rede sensorial interna de cada indivíduo da espécie seja única. Mesmo havendo diferenças de indivíduo para indivíduo, o funcionamento da rede sensorial como um todo em cada indivíduo tenderia a ser muito parecido com o dos demais indivíduos daquela espécie. Naturalmente, isso traria vantagens biológicas adaptativas, especialmente às espécies que promovem a sua sobrevivência de modo coletivo e cooperativo, como é o caso dos seres humanos.

Para entender essa tese de Quine, considere-se o seguinte exemplo por ele fornecido – o qual, ao que parece, está inserido no contexto da tradução radical¹². Numa dada situação, passa um coelho na presença do nativo de uma tribo e do lingüista que pretende elaborar um manual de tradução entre a sua língua e a do nativo. O nativo tem a estimulação S e o lingüista, a estimulação T. Nessa ocasião, o nativo diz “Gavagai” e o lingüista conjectura que a tradução dessa sentença pode ser “Coelho”. Numa outra situação, passa outro coelho e o nativo tem a estimulação S’ e o lingüista tem a estimulação T’. Já que, nesta segunda situação, o próprio lingüista assentiria a “Coelho”, ele pergunta ao nativo “Gavagai?”, a fim de testar sua conjectura. O nativo, por sua vez, assente. De acordo com Quine, essas duas situações seriam perceptualmente similares tanto para o nativo quanto para o linguista, isto é, S e S’ seriam perceptualmente similares para o nativo e T e T’, similares para o linguista.

Vale notar, neste ponto, que a similaridade perceptual deve ser distinguida da similaridade receptual. Esta última seria meramente o fato de, por exemplo, S e S’ consistirem no “mesmo padrão de estimulação de uma certa coleção de neurônios” (VELLOSO, 2005, p.76). Já a similaridade perceptual, por outro lado, diria respeito à semelhança na reação do falante frente a S e S’ (VELLOSO, 2005, p.76). A semelhança de reação não dependeria da similaridade receptual, tendo em vista que ela poderia ocorrer mesmo em caso de dissimilaridade receptual. O que seria determinante para que duas estimulações provoquem o mesmo tipo de reação no falante diz respeito a quais receptores serão para ele salientes, os quais deverão ter sido ativados em duas situações perceptualmente similares.¹³

O acordo que ocorre entre diferentes falantes a respeito das disposições para o comportamento verbal frente a uma dada sentença dever-se-ia, então, ao fato de os padrões de similaridade perceptual de cada um deles estarem em harmonia entre si. Assim é que eles reagiriam de maneira semelhante em situações semelhantes.

Tal harmonia, por seu turno, seria explicada em termos de outra harmonia: a harmonia preestabelecida entre os padrões subjetivos de similaridade perceptual e o ambiente. Quine explica isso da seguinte maneira. Assim como os demais animais, os seres humanos têm um instinto natural para fazer previsões, o qual ele chama de “instinto indutivo”. Devido a esse

¹² O experimento de tradução radical consiste em supor a tentativa de um lingüista de campo elaborar um manual de tradução, sem a ajuda de intérpretes, entre sua própria língua e a de uma tribo cuja língua e cultura lhes são completamente desconhecidas. Tal experimento foi apresentado por Quine em *Word and Object*, mas é freqüente a utilização de exemplos a ele relacionados em outras obras do autor.

¹³ Quine afirma que os padrões subjetivos de similaridade perceptual poderiam ser testados empiricamente, como se segue: “O indivíduo vem a fazer algum movimento na ocasião de alguma estimulação global e nós recompensamos o movimento. Depois nós estimulamos ele novamente em algum modo receptualmente similar e em vista da recompensa passada ele faz algum movimento novamente, mês desta vez nós penalizamos ele. Finalmente nós estimulamos ele novamente, desta vez de um modo intermediário entre as duas estimulações, com respeito à similaridade receptual. Se ele faz o movimento na terceira vez, a despeito da recente penalidade, nós concluimos que a terceira estimulação foi perceptualmente mais similar à primeira do que à segunda estimulação.” (QUINE, 1995, p. 18).

instinto, é criada a expectativa de que de determinada estimulação se siga o mesmo tipo de consequência que se seguiu de outra estimulação que se reconhece como perceptualmente similar a essa. Pode-se supor que indivíduos que costumam fazer previsões bem sucedidas possuem padrões inatos de similaridade perceptual de um tipo distinto daqueles indivíduos que costumam estar enganados nesse tipo de tarefa. O que ocorre é que aqueles indivíduos que possuem maior habilidade em fazer previsões bem sucedidas terão maiores chances de sobreviver: a seleção natural favorece a sobrevivência dos indivíduos mais aptos e mais apto é aquele que sabe fazer previsões corretas. Tal habilidade facilitaria a fuga de predadores, bem como a captura de presas, por exemplo (QUINE, 1996, pp. 160-161).

Acrescente-se, ainda, que essa habilidade de fazer previsões bem sucedidas decorre do fato de o padrão de similaridade perceptual do sujeito que possui essa habilidade tender a uma harmonia com o que ocorre no ambiente. Por essa razão é que esse sujeito se engana menos e faz previsões que costumam ser confirmadas. Assim, pode ser dito haver uma harmonia preestabelecida entre os padrões subjetivos de similaridade perceptual e o ambiente, tendo em vista que os indivíduos que sobreviveram foram os mais aptos, como dito anteriormente (QUINE, 1996, pp. 160-161).

Ademais, como somos descendentes desses sobreviventes e temos todos um gene comum deles decorrente, os padrões subjetivos de similaridade perceptual de diferentes indivíduos tendem a se harmonizar uns com os outros, havendo, portanto, uma harmonia preestabelecida entre eles.

Desse modo, a fim de explicar a intersubjetividade de sentenças, Quine prescinde de pressupor a homologia das redes neuronais receptoras dos falantes e passa a postular uma harmonia preestabelecida entre os padrões subjetivos de similaridade perceptual. Devido a tal harmonia, portanto, é que diferentes falantes concordariam no uso que fazem das sentenças de sua linguagem.

Em vez de oferecer essa reformulação, Quine poderia ter, simplesmente, adotado a Concepção Distal. Dado que não o fez, ele oferece uma justificativa para seu procedimento, alegando que suas preocupações primárias não seriam semânticas, mas sim epistemológicas (QUINE, 1990, p. 3). Tendo isso em vista, a adoção da Concepção Distal não seria uma opção satisfatória, uma vez que, segundo Quine, em dita concepção restaria ainda em aberto a seguinte questão:

Como a mera identidade da causa distal, os objetos conjuntamente observados, prevalece sobre a diversidade dos segmentos proximais das cadeias causais dentro dos dois observadores, e ainda resulta em resposta concordante? Em resumo, por que o lexicógrafo e o tradutor podem depender do estímulo distal, como eles, com efeito, dependem? (QUINE, 1996, p. 160).

Em deixando aberta essa questão, a Concepção Distal, apesar de escapar aos problemas enfrentados pela Concepção Proximal, não seria capaz de dar conta das preocupações epistemológicas de Quine.

Considerações finais

Diante de toda discussão que foi exposta, surgem indagações sobre a quem assistiria razão no debate em questão, sobre qual dessas concepções, Distal e Proximal, seria a mais adequada ou mesmo se alguma dessas concepções poderia ser considerada satisfatória para os propósitos a que se destinam. Em vista disso, faz-se necessário proceder a uma avaliação

dessa discussão, o que não se pretendeu realizar no presente trabalho, dado o estágio ainda inicial do estudo de que resultou.

Não obstante, puderam ser constatadas, diante da argumentação de Davidson, as dificuldades enfrentadas pela Concepção Proximal, ao menos na formulação inicialmente feita por Quine. Porém, a despeito de ditas dificuldades, Quine não pôde simplesmente abandoná-la em prol de uma Concepção Distal, tendo em vista os propósitos filosóficos que possuía. Desse modo, pode-se perceber que a controvérsia assume uma complexidade ainda maior do que pode parecer à primeira vista e que a sugestão feita por Davidson a Quine não pode ser considerada uma solução satisfatória para este autor.

* * *

Referências bibliográficas

- DAVIDSON, D. “Meaning, Truth and Evidence”. In: *Perspectives on Quine*, ed. by R. B. Barrett and R. F. Gibson. New York: Oxford University Press, 1990a, pp. 68–69.
- GIBSON, R. *The Philosophy of W. V. Quine: An Expository Essay*. Tampa: University of South Florida Press, 1982.
- QUINE, W. O. *Word and Object*. Cambridge, Mass: Technology Press of the Massachusetts Institute of Technology, 1960.
- _____. *Ontological Relativity and Other Essays*. New York: Columbia University Press, 1969.
- _____. *From Stimulus to Science*. Cambridge MA: Harvard University Press, 1995.
- _____. “Progress on Two Fronts”. In: *The Journal of Philosophy*, v. XCIII, p. 159–163, 1996.
- VELLOSO, Araceli. “Quine e Davidson: estimulação distal ou proximal?”. In: *Philosophos*, vol. 10, n. 2, (2005), pp. 57-86.